



AS PESQUISAS  
DO BARÃO GULDENSTUBBÉ

# PNEUMATOGRAFIA

(ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS)

PROVAS IRREFUTÁVEIS DA SOBREVIVÊNCIA  
DA ALMA HUMANA

CONTÉM 30 GRAVURAS

DA ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS



AVG VST VS

**PNEUMATOGRAFIA  
(ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS)  
AS PESQUISAS DO BARÃO GULDENSTUBBÉ  
PROVAS IRREFUTÁVEIS DA SOBREVIVÊNCIA HUMANA  
CONTÉM 30 GRAVURAS DA ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS**

Lançamento original em francês:

**LA RÉALITÉ DES ÉPRITS ET LE PHENOMENE MERVEILLEUX DE LEUR  
ÉCRITURE DIRECTE DÉMONTRÉES, PAR M. LE BARON DE GULDENSTUBBÉ,  
CHEZ L'AUTEUR, RUE DE TRÉVISE 29, 1873, PARIS.**

Tradução: Fabiana Rangel

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2022

Distribuição gratuita:

*Portal Luz Espírita*

*Autores Espíritas Clássicos*



**PNEUMATOGRAFIA**  
**(ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS)**

**AS PESQUISAS**  
**DO**  
**BARÃO GULDENSTUBBÉ**

**PROVAS IRREFUTÁVEIS DA**  
**SOBREVIVÊNCIA DA ALMA HUMANA**

**CONTÉM 30 GRAVURAS DA ESCRITA**  
**DIRETA DOS ESPÍRITOS**

**La realite des esprits et de leurs manifestations, demontree**  
**par le phenomene de l'ecriture directe**

**Par M. Le Baron de Guldenstubbé**

**Librairie A. Frank**  
**29, Rue Trévisse, 29**  
**Paris, 1873**



BARON L. DE GULDENSTUBBÉ, SA FAMILLE, SA VIE, SES EXPÉRIENCES, SES ÉTUDES, SES ÉCRITS SPIRITUALISTES.

## **BARÃO LUIS DE GULDENSTUBBÉ (1820 - 1873)**

O Barão Luis Guldenstubbé, que faleceu em 27 de maio de 1873, em sua residência, em Paris, 29 rue de Trévis, aos 53 anos de idade, foi conhecido principalmente por suas investigações e experiências em pneumatografia (Escrita Direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium).

De origem sueca, pertencia a antiga família escandinava, de nomeada história, tendo dois dos seus antepassados do mesmo nome sido queimados vivos, em 1309, na companhia de Jacques de Molay, por ordem do Papa Clemente IV.

O Barão era um homem superior, de espírito culto. Ele foi o autor de algumas obras muito eruditas; e um grande escritor e um pensador profundo.

Todos os que o conheceram podem testemunhar a nobreza de seus sentimentos, bem como a sua erudição. Ele era um missionário amigável, de requintada urbanidade.

O Barão estudou na Alemanha: Ciências Físicas, História, Filosofia, todos os sistemas da escola alemã lhes eram familiares. O racionalismo de Kant deixou um grande vazio em seu coração e não satisfaz as suas aspirações e intuições naturais.

Leu com avidez Platão, Pitágoras e as obras de Filosofia Oriental, em 1849 instalou-se em Paris, cuidando das manifestações que aconteciam na América, do magnetismo e do sonambulismo.

O Barão passava uma vida retirada, em companhia de sua virtuosa irmã Julie Wilhelmine von Guldenstubbé (1827 - 1888), colaboradora dos seus trabalhos. Ela era mais jovem que ele, sendo uma médium inspirada. Autora de várias obras, e que veio para a Paris, após terminar os seus estudos na Alemanha.

Este ilustre pesquisador dedicou-se mais às experiências da escrita direta, na França onde obteve em 13 de agosto de 1856, o primeiro sucesso nessa modalidade de comunicação espírita. Escreveu o livro intitulado "La Réalité des Spirites et de leurs Manifestations" (A Realidade dos Espíritos e de suas Manifestações) (1857). E também "Pensées d'outre-tombe" (Pensamentos de Além-Túmulo) (1858).

Em poucos anos de trabalhos experimentais, o Barão obteve um número considerável de escrita direta, algumas obtidas sem o auxílio de lápis, papel ou ardósia. Os próprios espíritos comunicantes transportavam o material necessário para a obtenção das mensagens.

- "Esses fenômenos", diz ele "estão agora firmados sobre a base sólida dos fatos, permitindo que de ora em diante consideremos a imortalidade da alma como um fato científico, e o espiritualismo como uma ponte lançada entre este mundo e o invisível."

### Escrita Direta

O Barão de Guldenstubbé foi o primeiro que obteve, na França, a escrita direta. Eis como ele relata o fato ("La Réalité des Esprits", págs. 66 e 67):

"Em um belo dia (1 de Agosto de 1856), veio-lhe o pensamento de experimentar se os Espíritos podiam escrever diretamente, sem o auxílio de um médium. Conhecendo a escrita direta misteriosa do Decálogo, segundo Moisés, a escrita igualmente direta e misteriosa na sala do festim do Rei Baltasar, segundo Daniel, e tendo ouvido falar dos mistérios modernos de Straford, na América, onde se acharam certos caracteres ilegíveis e estranhos traçados num pedaço de papel e que não pareciam provir dos médiuns; o autor quis certificar-se da realidade de um fenômeno cujo alcance seria imenso, se fosse verdadeiro.

"Colocou, portanto, uma folha de papel em branco e um lápis aparado dentro de uma caixinha fechada a chave, guardando sempre essa chave consigo e a ninguém dando parte da sua experiência. Durante doze dias esperou inutilmente, sem observar o menor traço de lápis no papel; mas, a 13 de Agosto de 1856, o seu espanto foi grande quando notou certos caracteres misteriosos no papel; apenas sucedeu tal fato, e ele repetiu por dez vezes a experiência no

mesmo dia, para sempre memorável, colocando, no fim de cada meia hora, uma nova folha de papel em branco na caixinha. A experiência foi coroada de êxito completo.

“No dia imediato, 14 de Agosto, fez de novo umas vinte experiências, deixando a caixinha aberta e não a perdendo de vista; viu, então, que caracteres e palavras na língua da Estônia formavam-se ou eram gravadas no papel, sem que o lápis se movesse. Desde então, vendo a inutilidade do lápis, cessou de pô-lo sobre o papel; e, colocando simplesmente uma folha de papel dentro de uma gaveta, em sua casa, obteve também comunicações.” (No fim da obra do Barão encontram-se fac-símiles dessas escritas).

O Barão de Guldenstubbé repetiu a experiência em presença do Conde d’Ourches, e este obteve uma comunicação de sua mãe, cuja assinatura e letra foram reconhecidas como autênticas, quando comparadas com as dos autógrafos que o Conde possuía.

Esses primeiros ensaios foram seguidos de muitos outros, e o autor adquiriu a certeza de não ser ele quem escrevia em estado sonambúlico, como julgou a princípio.

Muito modestamente o Barão de Guldenstubbé, afirma que:

- *“E precisamente na aplicação do método experimental aos fenômenos maravilhosos que reside a originalidade e o valor da descoberta, que não tem precedentes nos anais da humanidade, pois, até agora, não tem podido ser repetidos; era preciso contentar-se para provar a sua realidade com o testemunho dos que os presenciaram”.*

Spiritual Magazine - Julho de 1873

# Sumário

Prefácio — Guldenstubbé, um pioneiro de uma nova revelação — [pág. 08](#)

Pneumatografia (Escrita Direta dos Espíritos) — As pesquisas do Barão Guldenstubbé — 30 gravuras da escrita direta dos espíritos — [pág. 12](#)

## **ADENDO**

Revista Espírita — Ano II — Agosto de 1859. — Pneumatografia ou escrita direta — [pág. 28](#)

Revista Espírita — Ano III — Maio de 1860. — Pneumatografia ou escrita direta — [pág. 34](#)

Capítulo XII — Pneumatografia ou Escrita Direta — Livro dos Médiuns — Segunda Parte — Capítulo XII — [pág. 36](#)

# Prefácio

## Guldenstubbé, um pioneiro de uma nova revelação

Ao falar do Barão de Guldenstubbé somos convidados a refletir sobre o fenômeno da pneumatografia, ou seja da escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium. Em verdade, o vocábulo assentado por Kardec é a conexão do prefixo grego - pneuma (ar, sopro, vento, espírito), com o sufixo - graphô (escrevo).

O fenômeno é, incontestavelmente, um dos mais admiráveis do Espiritismo. Porém, por mais curioso que pareça, constitui atualmente evento investigado e incontroverso. Se a teoria é necessária para a abrangência dos fenômenos espíritas em geral, talvez mais forçosa ainda se faz neste caso que, sem contenda, é um dos mais curiosos que se possam oferecer, porém que deixa de parecer sobre-humano, desde que se lhe compreenda o princípio.

Se considerarmos a escrita direta quanto às vantagens que pode oferecer, diremos que até o presente a sua principal utilidade consiste na constatação material de um fato importante: a intervenção de um poder oculto que encontra nesse processo um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações assim obtidas são raramente de alguma extensão.

Em geral são espontâneas e se limitam a palavras, sentenças, frequentemente sinais ininteligíveis. São obtidas em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda não serviram às conversações contínuas e rápidas que a psicografia permite.

O Barão de Guldenstubbé foi o primeiro que obteve, na França, a escrita direta. Foi num esplêndido dia de Agosto de 1856, quando surgiu-lhe a ideia de provar se os Espíritos podiam escrever espontaneamente, sem o auxílio de um médium.

Reconhecendo a escrita direta misteriosa do Decálogo obtida por Moisés, no Monte Sinai, tanto quanto a escrita igualmente direta e misteriosa na sala do

festim do Rei Baltasar, segundo consta no livro de Daniel, e tendo ouvido falar dos mistérios modernos de Straford, na América, onde se acharam certos caracteres ilegíveis e estranhos traçados num pedaço de papel e que não pareciam provir dos médiuns; o Guldenstubbé quis certificar-se da realidade de um fenômeno cujo alcance seria imenso, se fosse conseguido por ele.

A escrita direta é muitas vezes obtida, como a maioria das manifestações espíritas não espontâneas, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Muitas vezes foi obtida nas igrejas, sobre os túmulos, junto a estátuas e imagens de personagens evocadas. Mas é evidente que o local só influi por favorecer o recolhimento e a maior concentração mental, pois está provado que é obtida igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, como sobre um simples móvel caseiro, desde que se esteja nas condições morais exigidas e se disponha da necessária faculdade mediúnica.

Achava-se a princípio que era necessário colocar um lápis com o papel. O fato, então, poderia ser mais facilmente explicado. Sabe-se que os Espíritos movem e deslocam objetos, que pegam e atiram à distância, podendo assim pegar o lápis e escrever.

Logrando êxito Guldenstubbé passou a obter seus escritos pneumatográficos a qualquer lugar e hora, a céu aberto, em cima de uma lápide, local que ele especialmente gostava. Entre os lugares onde os experimentos foram improvisados com sucesso estão o Louvre, o Museu de Versalhes, a Catedral de São Denis, Abadia de Westminster, o Museu Britânico, os Cemitérios de Montparnasse, Montmartre e Père-Lachaise, Bois de Boulogne e várias igrejas e ruínas antigas na França, Alemanha, Áustria e Inglaterra.

De origem sueca e pertencente a antiga família escandinava, Guldenstubbé era rico, sua independência e a consideração que desfrutava no alto mundo afastam incontestavelmente qualquer suspeita de fraude voluntária, pois nenhum motivo interesseiro (mercantilista) poderia movê-lo. Poder-se-ia admitir a sua própria ilusão, mas a isso responde decisivamente um fato: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas que se cercaram de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça ou motivo de engano.

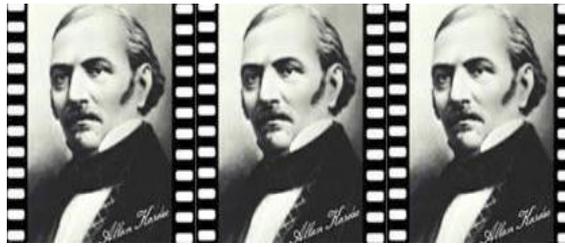
A lista de testemunhas, que assistiram os experimentos do Barão, inclui os nomes de H. Delamarre, editor de o Patrie; H. Choisselat, editor de o Univers; Sr. Dale Owen; Sr. Lacordaire, irmão do grande orador; N. de Bonochose, historiador; Sr. Kiorboe, um bem-conhecido pintor sueco; o Barão von Rosenberg, embaixador alemão na corte de Wurtemberg; Príncipe Leonilde

Galitzin e dois outros representantes da nobreza de Moscou; e o rev. William Mountford, que contribuiu com seu testemunho pessoal ao *The Spiritualist* de 21 de dezembro de 1877.

Guldenstubbé foi um lídimo artesão das primeiras horas, um grande pesquisador da alma e recordemos que ele teve também as suas obras incluídas entre os trezentos volumes que Kardec enviou para a Espanha, que infelizmente foram queimadas em Barcelona, no tétrico e circense cenário do famigerado "Auto de Fé" levado a efeito pelo clero espanhol numa manhã de outubro de 1861.

São Paulo, 10 de dezembro de 2022

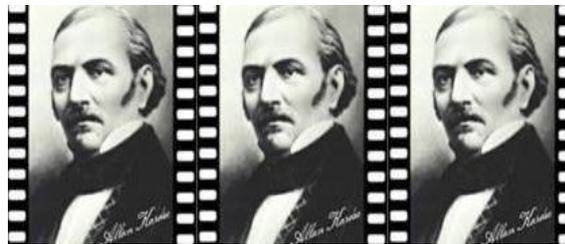
Jorge Hessen



*Pneumatografia - (Do grego - pneuma - ar, sopro, vento, espírito, e graphô, escrevo.) Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.*

*A Pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito pela mão do médium.*

*Allan Kardec "O Codificador do Espiritismo"*



*A escrita direta, ou pneumatografia, é a que se produz espontaneamente sem o concurso nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar uma folha de papel branco, dobrá-la e colocá-la em algum lugar, em uma gaveta, ou simplesmente sobre um móvel, e se estivermos em condições favoráveis, ao fim de um tempo mais ou menos longo, acharemos no papel caracteres traçados, sinais diversos, palavras, frases e mesmo discursos, frequentemente com uma substância cinzenta igual ao chumbo, outras vezes com lápis vermelho, tinta ordinária e mesmo tinta de impressão.*

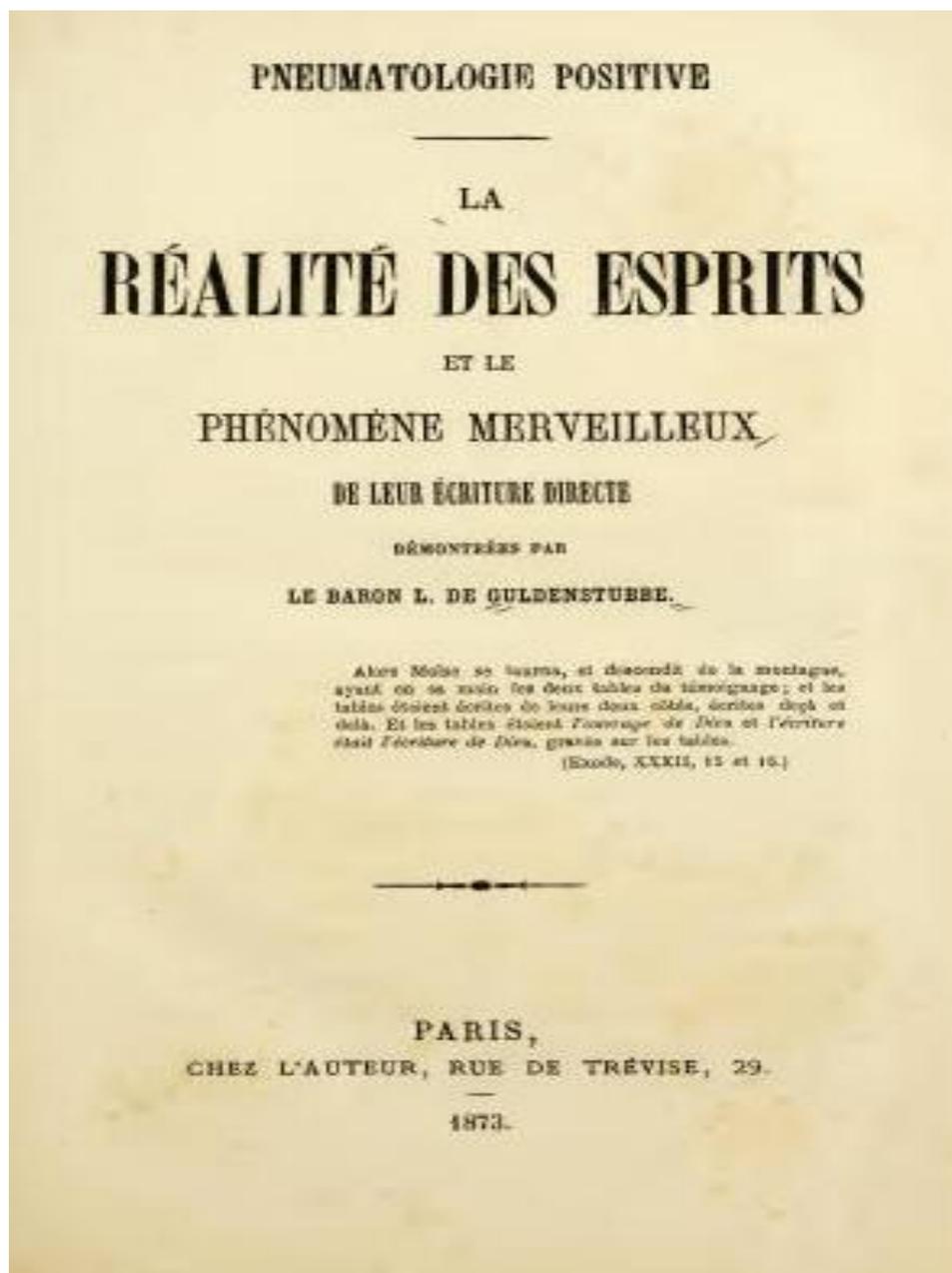
*Nesse tipo de fenômeno, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos: ele mesmo faz a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando seus materiais do elemento primitivo universal ao qual ele imprime por sua vontade as modificações necessárias ao efeito que quer produzir. Ele, assim, pode muito bem fabricar tinta vermelha, tinta de impressão e mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar relevo à impressão, de que temos visto exemplos. É desse modo que podemos explicar a aparição das três palavras na sala do festim de Baltazar, de que nos fala a Bíblia.*

*Allan Kardec "O Codificador do Espiritismo"*

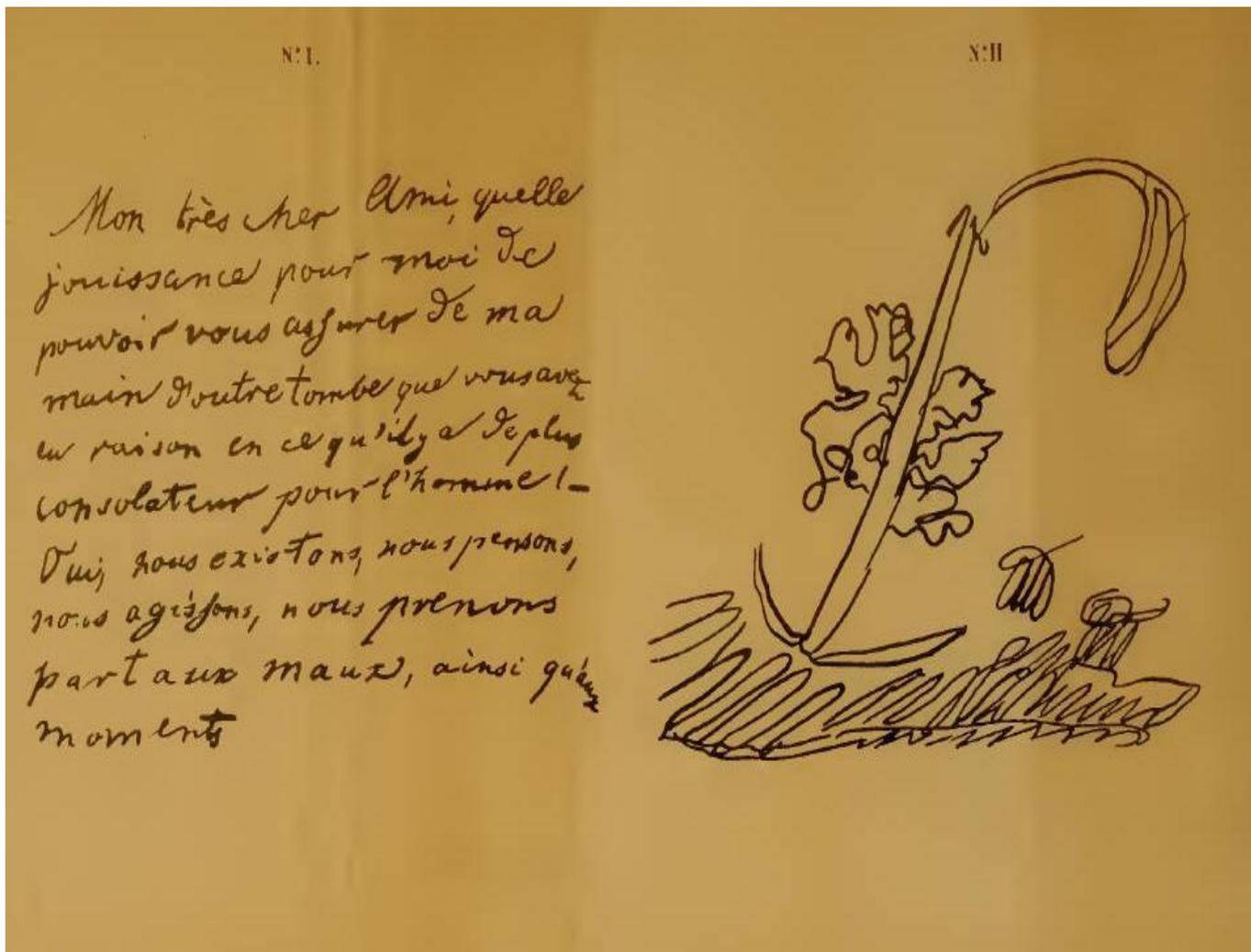
# Pneumatografia (Escrita Direta dos Espíritos)

As pesquisas do Barão Guldenstubbé

30 Gravuras da Escrita Direta dos Espíritos



LA RÉALITÉ DES ÉSPRITS ET LE PHÉNOMÈNE MERVEILLEUX DE LEUR ÉCRITURE DIRECTE DÉMONTRÉES, PAR M. LE BARON DE GULDENSTUBBÉ, CHEZ L'AUTEUR, RUE DE TRÉVISE 29, 1873, PARIS.

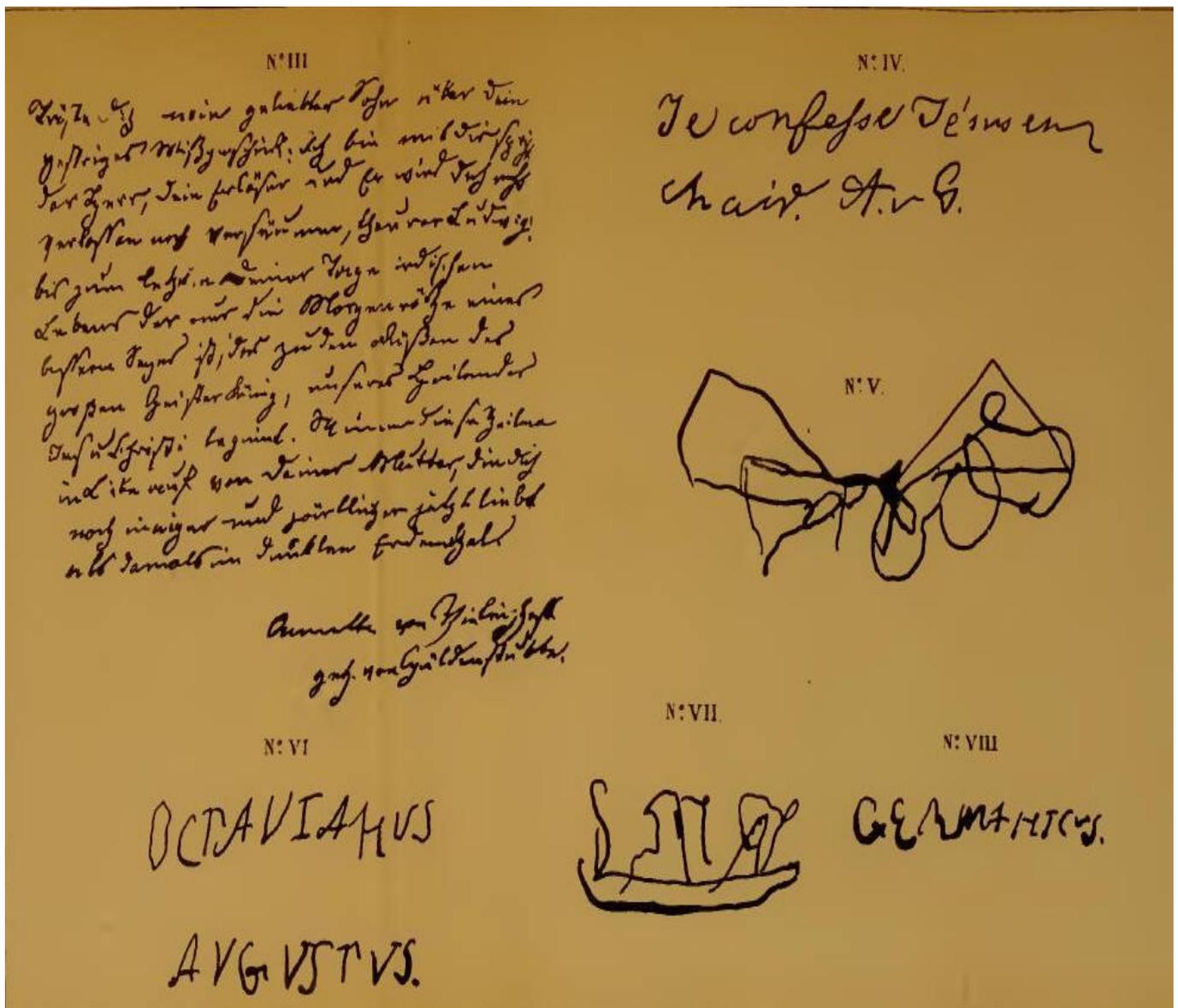


M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figuras I a II - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

I - Carta do além-túmulo de um amigo do autor, que muitas pessoas reconheceram por sua escrita. Esta carta foi traçada em francês, em 1º de fevereiro de 1857 (por volta de dois anos após a morte do falecido), na casa do autor.

II - Figura que foi desenhada no Louvre, no Museu Egípcio, na presença de várias testemunhas, no jazigo de Cleópatra, em 4 de setembro de 1862.



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figuras III a VIII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

III - Carta amigável de uma parente do autor, que morreu em 1843. Esta carta, em alemão, foi escrita em 20 de fevereiro de 1837, na casa do autor. Vários conhecidos da falecida reconheceram sua escrita, traçada em tinta azul.

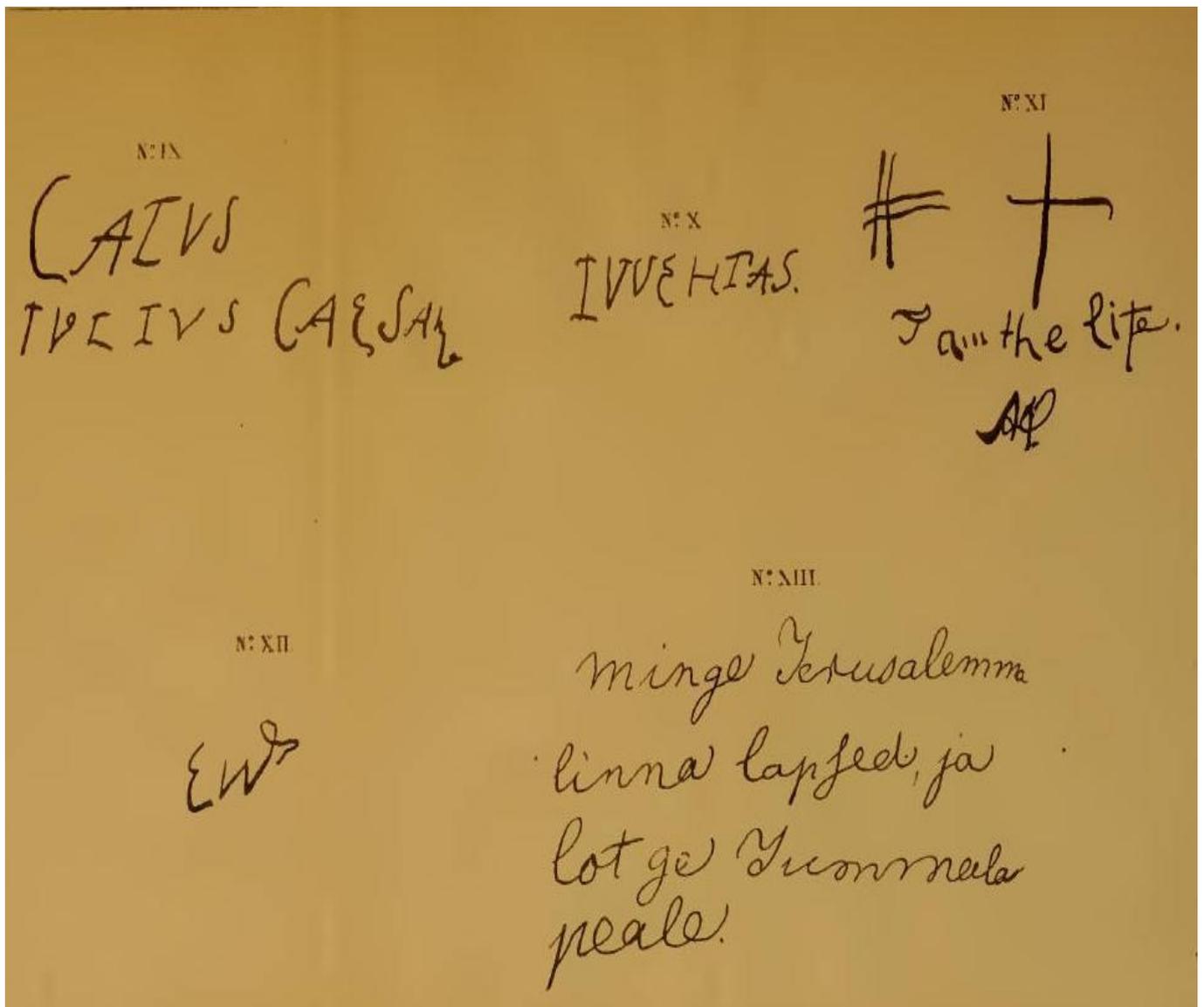
IV - Primeira escrita em francês, assinada por um espírito que o autor conheceu durante sua vida terrena. As palavras: Eu confesso Jesus na carne, são uma resposta enviada pelo Espírito sobre as dúvidas do conde d'Ourches. Esse fenômeno maravilhoso aconteceu, na presença do referido conde d'Ourches., em 16 de Agosto de 1856, às onze horas da noite, na casa do autor.

V - Figura mágica, traçada em 14 de agosto de 1856, em na casa do autor. Essa figura operou várias curas maravilhosas e instantâneas.

VI - Escritura em latim, estilo lapidário, obtido em 26 de agosto no Louvre, na presença do conde d'Ourches, perto da estátua de Augusto, no ângulo de cruzamento da sala Imperadores romanos.

VII - Hieróglifo do Egito, elaborado na presença do Conde d'Ourches, em 30 de agosto de 1856, perto do sarcófago Ramsés III, na sala Egípcia do Louvre.

VIII - Primeira escrita em latim lapidário, obtida na presença do conde d'Ourches, no Louvre, perto da estátua de Germanicus, em 26 de agosto de 1856.



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figuras IX a XIII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

IX - Escrita em latim lapidário, elaborada em 28 de agosto no Louvre, perto da estátua de Júlio César, na presença do conde d'Ourches e de várias outras testemunhas.

X - Escrita em latim lapidário, perto de estátua desconhecida, no salão de Imperadores romanos, na presença do conde d'Ourches e do General Brewern, em 4 de setembro de 1856.

XI - Primeira escrita em inglês com as iniciais de Mary Stuart, feita na presença do conde d'Ourches e de várias testemunhas importantes da embaixada da Prússia em 9 de Setembro, perto da coluna François II em Saint-Denis.

XII - Iniciais do nome de um falecido amigo do autor, feitas em seu túmulo no cemitério Montmartre, em 14 de setembro de 1856, na presença de várias testemunhas.

XIII - Escrita em língua estoniana, feita por um Espírito que o autor conheceu durante sua vida terrena, em 12 de setembro de 1856, na casa do autor, 74, rua do Caminho de Versalhes.

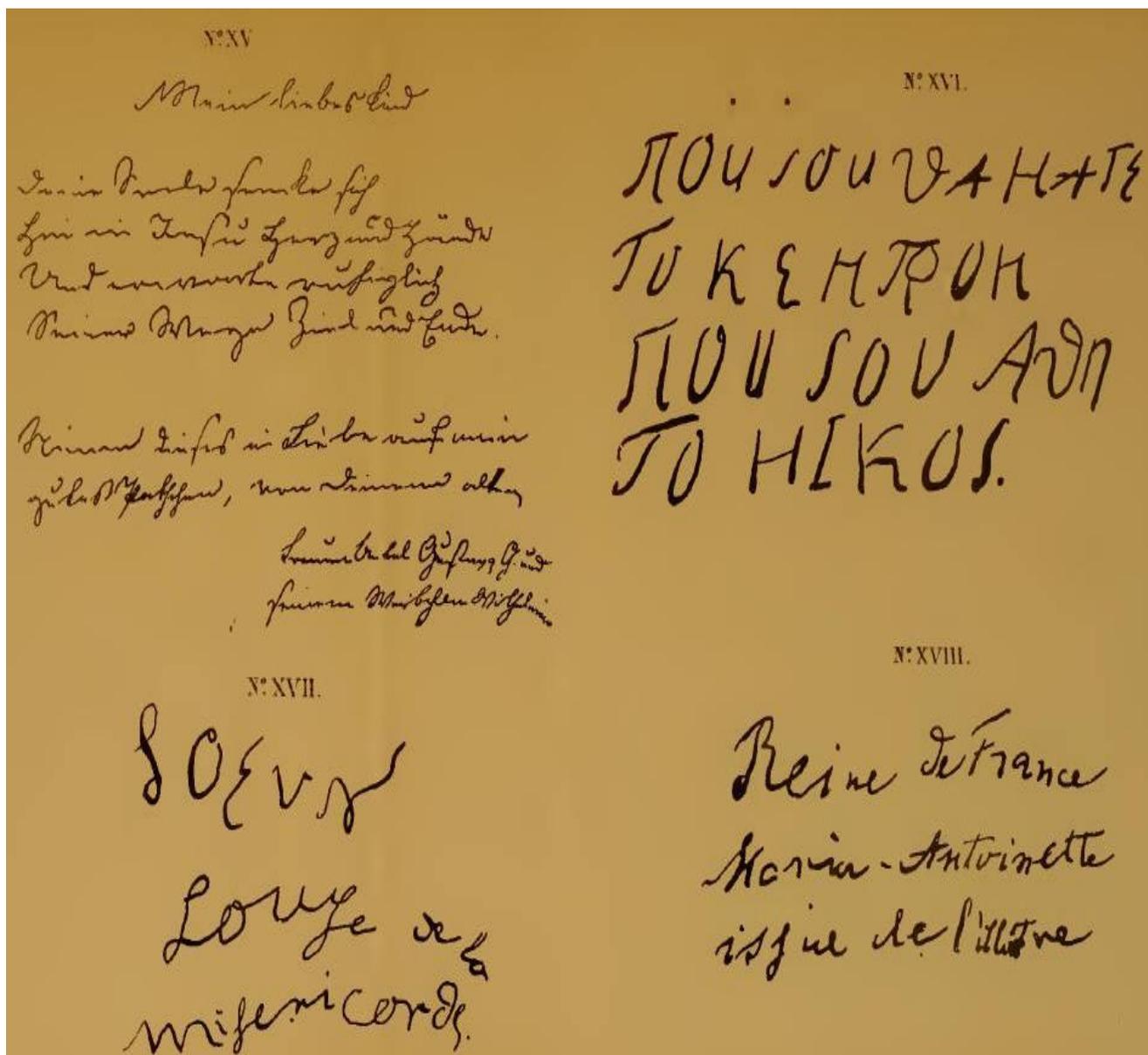
Omnes qui eum  
 AD AMO participavimus  
 atque a serpente in  
 fraudem inducti  
 sumus, per peccatum  
 mortui, ac per Coel-  
 lesterrum AD AMO  
 salutem restituti  
 atque ad vitae  
 lignum, unde  
 escedimus  
 per ignominiam  
 lignum reduti  
 sumus.

P. ABELARDO

Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figura XIV - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XIV - Escrita excelente, assinada por Abelardo, obtida pelo autor sobre o túmulo deste homem ilustre em Père-Lachaise, sob recomendação (diretamente escrita) de um espírito amigável, em 20 de janeiro de 1857.



Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figuras XV a XVIII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XV - Escrita alemã em verso, assinado pelo padrinho do autor. Esta carta foi escrita em 14 de janeiro 1857 na casa do autor. A perfeita semelhança da mão falecido não só foi constatada por todos os parentes do autor e de seu tio, o referido padrinho, mas ainda pelo tribunal civil da ilha d'Oesel durante a viagem de autor e sua irmã na Rússia, na primavera de 1858.

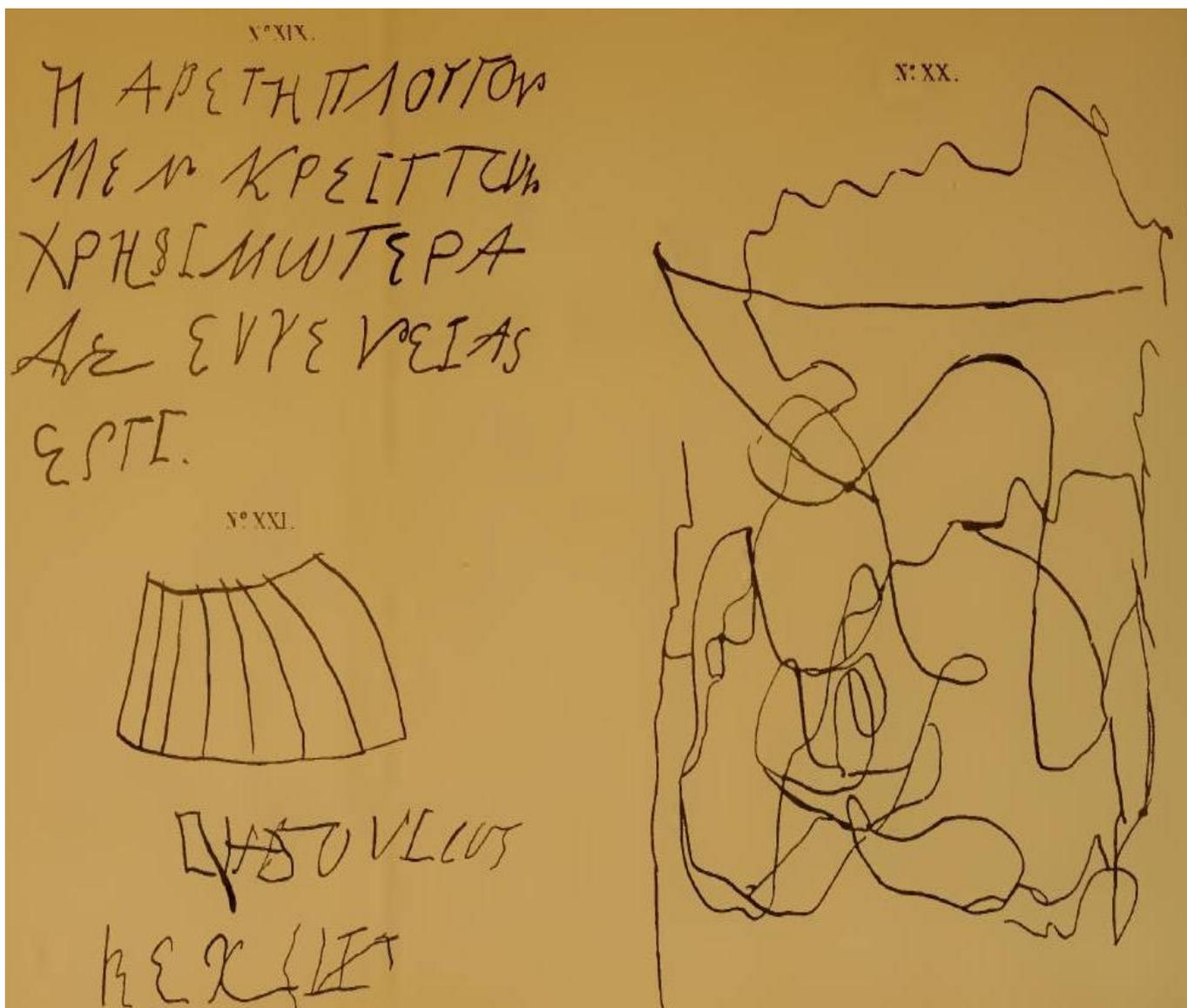
XVI - Escritura grega, feita na presença do professor Georgii, de Londres, discípulo do ilustre Ling, do conde d'Ourches e do Barão de Voigts-Rhetz, em 4 de outubro de 1856, na casa do autor, para provar a todos que a morte é superada, e que nunca devemos ter medo. O original da presente escritura

instantaneamente curou o autor de uma febre tifóide no ano seguinte, na Primavera de 1857.

XVII - Escritura da irmã Louise da Misericórdia (La Valliere), feita na presença do coronel Kollmann, em 29 de dezembro de 1856, na Igreja de Val-de-Graco. Lembramos aos nossos leitores o sonho notável que Louise de La Vallière teve nesse mesmo claustro, antes de entrar como dama de honra após a Princesa Henriqueta da Inglaterra, duquesa de Orleans, que Bossuet fala. (Veja a vida de madame de La Valliere no cabeçalho do sermão que Bossuet fez por sua profissão.)

XVIII - Escrita em francês, feita em 10 de março de 1857, no jardim do Petit Trianon, perto da leiteria.

A identidade da escrita foi constatada pelo Sr. Lacordaire, com as cartas dessa infeliz rainha que ainda se encontram nos arquivos Gobelins, em Paris.



Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

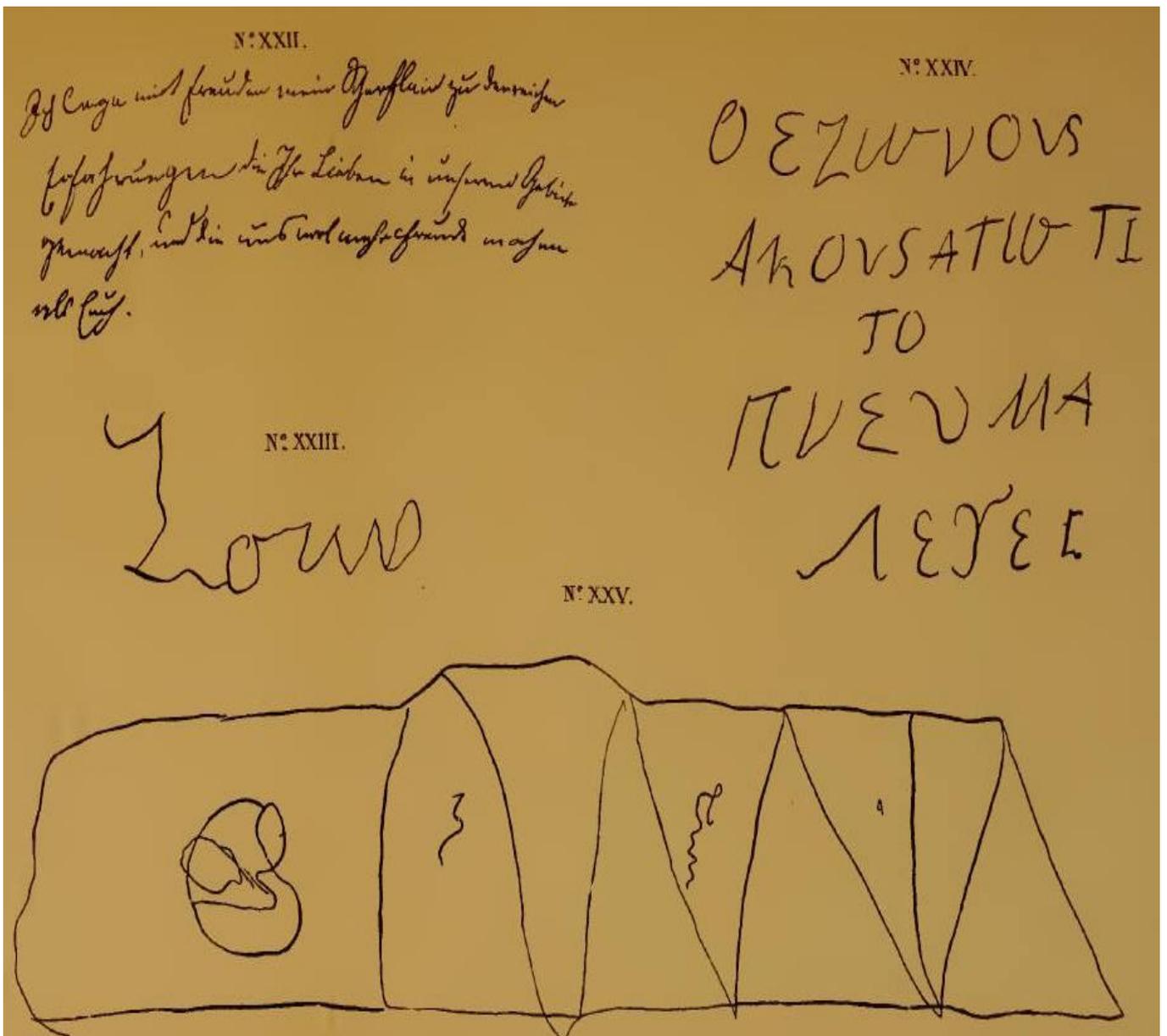
Figuras XIX a XXI - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XIX - Escrita grega, obtida na presença do Barão general Brewern, em 26 de dezembro de 1856, na casa do autor.

XX - Figura desenhada em uma resma de papel, nova e ainda selada, do mesmo modo que deixou a loja, na casa do autor, em 24 de dezembro de 1856. O Barão general Brewern estava presente e assistiu como testemunha ocular. O conde d'Ourches e o marquês de Planty, também convidados a participar, não foram. Eles foram aguardados até a meia-noite, mas mais ou menos em torno desse tempo, a mobília começou a partir em todos os lugares, o médium se colocou ao piano e ordenou que se colocasse, sobre uma pequena mesa, uma resma de papel nova, envolto por papel amarelo e selada pelo revendedor, que o general

Brewern tinha trazido. Ao fim de um quarto de hora, o médium parou de tocar e pediu ao general Brewern que abrisse a resma; várias figuras foram encontradas, esta entre elas, e uma escritura grega, assinada por Platão, uma escritura latina assinada por Cícero e uma escritura inglesa, assinada por Spencer.

XXI - Figura feita e assinada por São Luís, perto das estátuas de sua família, na sepultura da Catedral de Saint-Denis, em 8 de novembro de 1856, na presença do general Brewern e de várias outras testemunhas importantes.



Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

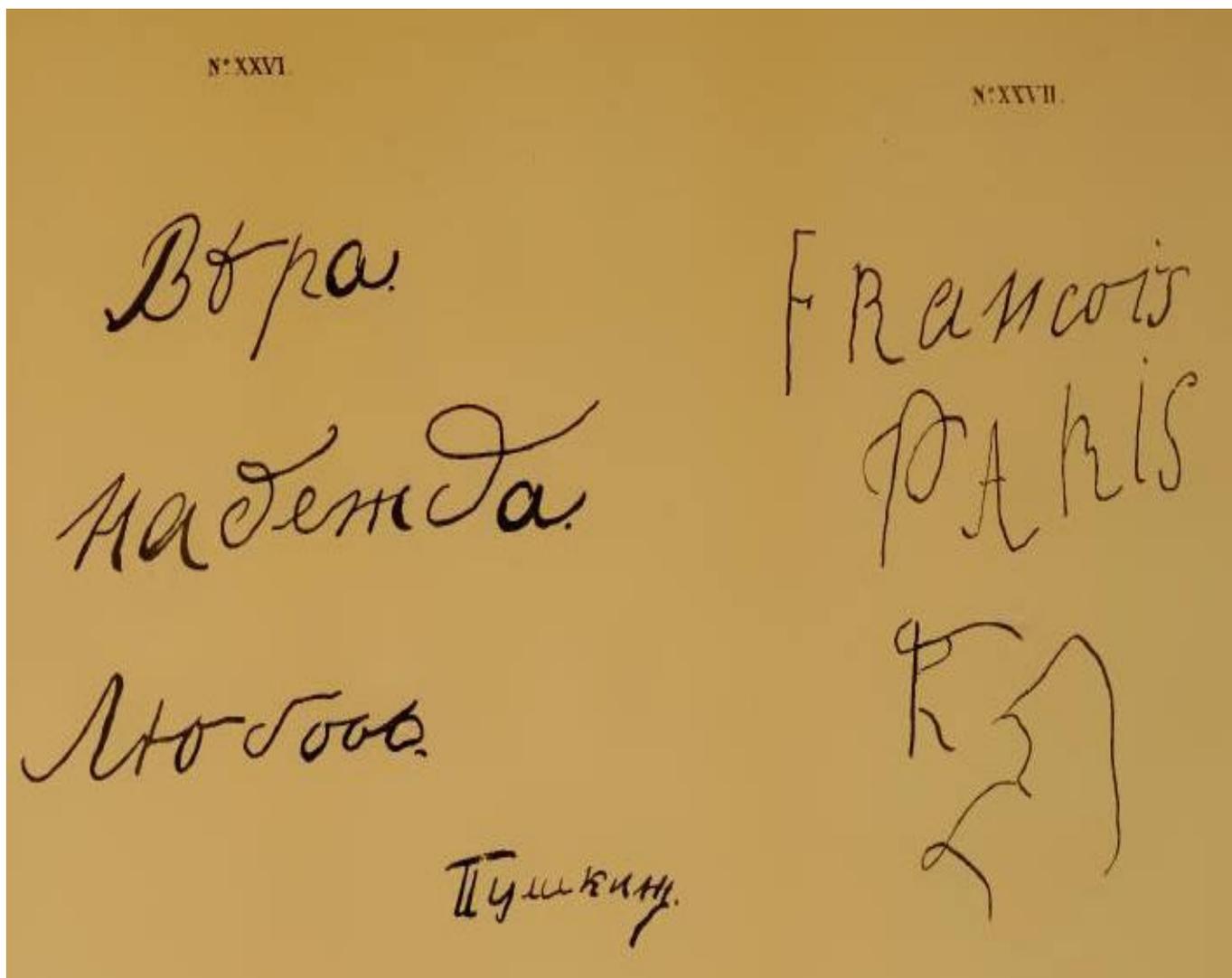
Figuras XXII a XXV - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XXII - Escritura alemã, feita por um espírito que o autor, e vários amigos e parentes do falecido, reconheceu sua escrita, embora falte a assinatura. Este fenômeno teve lugar em 28 de dezembro de 1856, na casa do autor.

XXII - Nome francês feito perto do cadafalso de Luís XVIII na Catedral de Saint-Denis, na presença do general Brewern no dia da Toussaint, 1856.

XXIV - Escritura grega, feita na presença do Conde d'Ourches e Sr. Revené, em 29 de outubro de 1857.

XXV - Figura realizada na presença do general Brewern, que vê as diferentes linhas se formarem na folha de papel que estava sobre a escrivaninha do autor, rua do Caminho de Versalhes, nº 74, 15 de novembro de 1856.



Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figuras XXVI a XXVII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

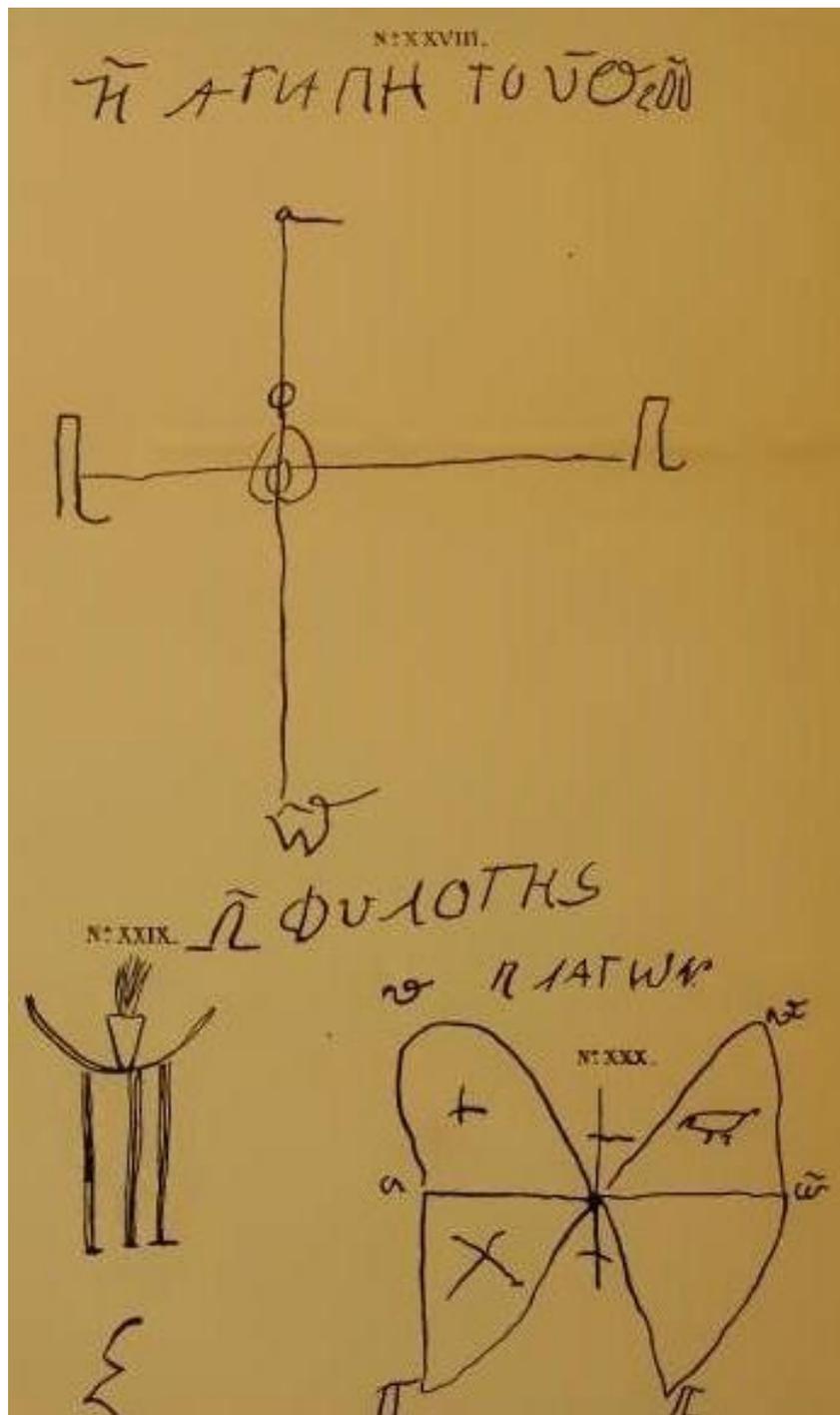
XXVI - Escrita em língua russa, feita na presença do general Brewern, do Príncipe Shakowskoi e de várias testemunhas da embaixada russa, em 20 de novembro de 1857, na casa do autor.

XXVII - Escrita francesa e figura estrangeira, feitas do outro lado do papel pelo espírito do famoso diácono Paris, atrás do altar-mor da igreja de Saint-Médard, onde jaz seu corpo, diante da defesa:

"Pelo rei a Deus,

Para operar milagres neste lugar"

Este espírito, no início, provoca pancadas surdas nas lajes da capela, atrás do altar-mor, na presença do coronel de Kollmann, que remove o papel, colocado diante dele pelo autor, em 02 de novembro de 1856.



Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe.

Figuras XXVIII a XXX - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XXVIII - Escrita grega, assinada pelo famoso Platão e feita na mesma resma selada do general Brewern da figura XX, em 24 de dezembro de 1856. As experiências daquele dia memorável foram coroadas com o maior sucesso. No papel assinado pelo espírito de Platão, há uma figura que representa uma cruz que possui na sua parte superior um Alfa (α) e na sua base um Omega (ω). Esta

cruz e essas duas letras parecem indicar o início e o fim de todas as coisas. Os dois significam fé e espírito (πίστις, πνεύμα). No alto está (ἀγάπη του θεου): O amor de Deus. O termo (ὦ φιλότιμος) significa: A meu amigo.

XXIX – Desenho de um tripé Píndaro, assinado E., perto da pequena estátua de Eurípides, no Louvre, na presença do Conde d'Ourches, do príncipe Shakowskoi e de várias outras testemunhas, em 04 de novembro de 1857.

XXX - Figura desenhada com o general Brewern, depois de evocar o famoso príncipe e padre Hohenlohe em 6 de Novembro de 1856, na casa do autor. As cartas gregas adicionados à figura parecem indicar que a morte (θάνατος) é superada pela fé (πίστις) no espírito (πνεύμα) daquele que é o Alfa e o Omega (o início e o fim).



Revista Espírita — Ano II — Agosto de 1859  
Pneumatografia ou escrita direta (1)

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. Demos essas duas palavras no Vocabulário Espírita, posto no início de nossa *Instrução Prática*, com a indicação de sua diferença etimológica. *Psicografia*, do grego *psyké*, borboleta, alma; e *graphus*, eu escrevo; *Pneumatografia*, de *pneuma*, ar, sopro, vento, Espírito. No médium escrevente a mão é um instrumento, mas a sua *alma*, ou Espírito encarnado, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na *Pneumatografia*, é o próprio Espírito estranho que escreve diretamente, sem intermediário.

(1) N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns – Segunda Parte – capítulo XII*.

O fenômeno da escrita direta é, inegavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato verificado e incontestável. Se dele ainda não falamos, é que esperávamos poder dar-lhe a explicação e já ter procedido às observações necessárias, a fim de tratar a questão com conhecimento de causa. A teoria, sempre necessária para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez ainda se faça mais necessária neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, deixando, porém, de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a dúvida foi o sentimento dominante que deixou. Logo acudiu aos que o presenciaram a ideia de um embuste. Toda gente, com efeito, conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Podia, pois, dar-se que tivessem, por esse meio, abusado da credulidade dos assistentes, e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas, não com propósito mercenário, mas unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas faculdades, hão empregado subterfúgios.

Na terceira das cartas escritas de Montaigne, J. J. Rousseau refere o seguinte fato: “Em 1743 vi em Veneza uma nova espécie de sortilégio, mais estranho que os de Préneste; quem o quisesse consultar entrava numa câmara, ali permanecendo sozinho, caso o desejasse. De um livro de folhas brancas tirava uma de sua escolha; depois, segurando essa folha, pedia mentalmente, e não em voz alta, aquilo que desejava saber; em seguida, dobrava a folha branca, depositava-a num envelope, lacrava-o e o colocava, assim fechado, dentro de um livro. Finalmente e sem perder o livro de vista, depois de haver recitado algumas fórmulas muito extravagantes, verificava se o selo não tinha sido violado, abria o envelope, retirava o papel e encontrava escrita a resposta. O mágico que fazia estas sortes era o primeiro secretário da Embaixada da França e se chamava J. J. Rousseau.”

Duvidamos que Rousseau tenha conhecido a escrita direta, pois, do contrário, teria sabido outras coisas relativas às manifestações espíritas e não teria tratado do assunto com tanta leviandade. Como ele próprio reconheceu quando o interrogamos sobre este fato, é provável que utilizasse um processo que aprendera de um charlatão italiano.

Entretanto, do fato de se poder imitar uma coisa, fora absurdo concluir-se pela sua inexistência. Nestes últimos tempos, não se há encontrado meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? Mas, por que esse processo de saltimbanco se tenha exibido em todas as feiras, dever-se-á concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Por que certos comerciantes vendem vinho falsificado, será uma razão para que não haja vinho puro? O mesmo sucede com a escrita direta. Bem simples e fáceis eram, aliás, as preocupações a serem tomadas para garantir a realidade do fato e, graças a essas precauções, hoje ele já não pode constituir objeto da mais ligeira dúvida.

Considerando-se que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se têm produzido os diversos fenômenos que conhecemos, o da escrita direta igualmente se há de ter operado na Antiguidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres, na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta; igualmente é possível que, na teoria das modificações por que podem os Espíritos fazer passar a matéria, teoria que desenvolvemos em nosso artigo

anterior [Mobiliário de Além-túmulo], se encontre o fundamento da crença na transmutação dos metais. É um ponto que abordaremos qualquer dia.

Um de nossos assinantes ultimamente nos dizia que um de seus tios, cônego, que durante muitos anos havia sido missionário no Paraguai, obtinha, por volta do ano 1800, a escrita direta, juntamente com seu amigo, o célebre Abade Faria. Seu processo, que nosso assinante jamais chegou a conhecer bem, e que de alguma sorte surpreendera casualmente, consistia numa série de anéis pendurados, aos quais eram adaptados lápis, dispostos em posição vertical, cujas pontas apoiavam-se no papel. Esse processo refletia a infância da arte; depois progredimos.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de vulgarizadas as manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbé, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de *fac-símiles* das escritas que obteve (2). O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbé, sua independência, a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, porquanto não havia nenhum motivo de interesse a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor, é que fora vítima de uma ilusão; a, isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.

(2) *La réalité des esprits et le phenomene merveillex de leur écriture directe démontrées, par m. Le Baron de Guldenstubbé, chez l'auteur, rue de trévisse 29, 1873, Paris.*

A escrita direta é obtida, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, por meio da concentração, da prece e da evocação. Tem-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no sopé de estátuas, ou imagens de personagens evocadas. Evidentemente, o local não exerce nenhuma outra influência, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos, porquanto provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e, entre esses, se encontre quem possua a necessária faculdade mediúnica.

Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. É sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas as letras. Aqui, o fenômeno já muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras hão de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Onde a tirou? Esse o problema.

O general russo, Conde de B... mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães obtida dessa maneira por intermédio da irmã do Barão de Guldenstubbé, simplesmente colocando uma folha de papel, *arrancada de sua própria caderneta*, debaixo do pedestal do relógio da chaminé. Tendo-a retirado ao cabo de alguns minutos, nela encontrou versos em caracteres tipográficos alemães muito finos e de perfeita pureza. Através de um médium psicógrafo o Espírito lhe disse que queimasse esse papel; como hesitasse, lamentando sacrificar um *espécimen* tão precioso, o Espírito acrescentou: “Nada temais; dar-te-ei um outro”. Com essa garantia lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha, igualmente tirada de sua carteira, sobre a qual os versos se achavam reproduzidos, exatamente da mesma maneira. Foi essa segunda edição que vimos e examinamos com o maior cuidado e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se tivessem saído do prelo. Não é, pois, apenas o lápis que os Espíritos podem fazer, mas a tinta e os caracteres de imprensa.

Um dos nossos honrados colegas da Sociedade, o Sr. Didier obteve há alguns dias os resultados seguintes, que tivemos oportunidade de constatar, e cuja perfeita identidade podemos garantir. Tendo ido à igreja de Nossa Senhora das Vitórias, com a Sra. Huet, que há pouco obteve sucesso em experiências desse gênero, tomou uma folha de papel de carta com o timbre de sua casa comercial, dobrou-a em quatro e a colocou sobre os degraus de um altar, rogando, em nome de Deus, que um bom Espírito se dignasse escrever alguma coisa. Ao cabo de dez minutos de recolhimento encontrou no interior e numa das partes dobradas da folha a palavra *fé* e num dos outros campos a palavra *Deus*. A

seguir, tendo pedido ao Espírito que dissesse quem havia escrito aquilo, recolocou o papel no mesmo lugar e, após dez minutos, encontrou estas palavras: *por Fénelon*.

Oito dias mais tarde, a 12 de julho, quis repetir a experiência e dirigiu-se ao Louvre, à sala Coyzevox, situada sob o pavilhão do relógio. Sobre a base do busto de Bossuet pôs uma folha de papel, dobrada como a primeira, mas nada obteve. Um menino de cinco anos o acompanhava e seu boné foi deixado no pedestal da estátua de Luís XIV, que se encontrava a alguns passos da primeira. Julgando que a experiência houvesse falhado, já se dispunha a sair quando, ao pegar o boné, percebeu embaixo deste, como se fora escrito a lápis sobre o mármore, a expressão *amai a Deus*, seguida da letra B. O primeiro pensamento que veio à mente dos assistentes foi o de que tais palavras poderiam ter sido escritas anteriormente por mãos estranhas, que não foram percebidas. Entretanto, quiseram tentar a prova novamente, recolocando a folha dobrada em cima dessas palavras, cobrindo-as com o boné. Decorridos alguns minutos perceberam que a folha continha três letras: *a i m*. Repuseram o papel e pediram fossem os escritos completados e obtiveram: *Amai a Deus*, isto é, aquilo que fora escrito no mármore, menos o B. Ficava assim evidente que as primeiras letras traçadas resultavam de escrita direta. Ressaltava, ainda, esse fato curioso: as letras foram grafadas sucessivamente e não de uma vez; quando da primeira inspeção, não houvera tempo de concluir as palavras. Saindo do Louvre, o Sr. D... dirigiu-se à igreja de Saint-Germain l'Auxerrois onde obteve, pelo mesmo processo, as palavras: *Sede humildes. Fénelon*, escritas de maneira muito clara e muito legível. Estas palavras ainda podem ser vistas no mármore da estátua a que nos referimos.

A substância de que são feitos esses caracteres tem toda a aparência da grafita do lápis e é facilmente apagada com a borracha. Examinamo-la ao microscópio e constatamos que não é incorporada ao papel, mas simplesmente depositada na superfície, de maneira irregular, sobre as suas asperezas, formando arborescências muito semelhantes às de certas cristalizações. A parte apagada pela borracha deixa à mostra as camadas de matéria negra introduzida nas pequenas cavidades das rugosidades do papel. Destacadas e retiradas com cuidado, essas camadas são a própria matéria que se produz durante a operação. Lamentamos que a pequena quantidade recolhida não nos tenha permitido fazer a sua análise química; mas não perdemos a esperança de o conseguir um dia.

Quem quiser reportar-se às explicações que foram dadas em nosso artigo anterior encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais preciosos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita.

Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito em nosso número anterior, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos oportunidade para perscrutarmos uma das importantes leis do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Assim é que, de um fato aparentemente vulgar, pode sair a luz. Tudo está em observar com cuidado e isso todos podem fazer como nós, desde que se não limitem a observar efeitos, sem lhes procurarem as causas. Se a nossa fé se fortalece de dia para dia, é porque compreendemos. Tratai, pois, de compreender, se quiserdes fazer prosélitos sérios. Ainda outro resultado decorre da compreensão das causas: o de deixar riscada uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade há consistido na comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtêm. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições e, às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium. [v. também na *Revista* de maio de 1860: Pneumatografia ou escrita direta.]



Revista Espírita — Ano III — Maio de 1860  
Pneumatografia ou escrita direta

O Sr. X..., um dos nossos mais ilustres literatos, a 11 de fevereiro último estava em casa da Srta. Huet, com seis outras pessoas, há tempo iniciadas nas manifestações espíritas. O Sr. X... e a senhorita assentaram-se face a face, numa mesinha escolhida pelo Sr. X... Este tirou um papel do bolso, absolutamente limpo, dobrado em quatro e por ele marcado com um sinal quase imperceptível, mas suficiente para ser identificado. Colocou-o sobre a mesa e o cobriu com seu lenço branco. A senhorita Huet pôs as mãos sobre a ponta do lenço. De seu lado, o Sr. X... fez o mesmo, pedindo aos Espíritos uma manifestação direta, com uma finalidade instrutiva. O Sr. X... fez o pedido de preferência a Channing, que para isso foi evocado. Ao cabo de dez minutos, ele próprio levantou o lenço e retirou o papel, que tinha escrito de um lado o esboço de uma frase, traçada com dificuldade e quase ilegível, mas na qual se podia descobrir os rudimentos destas palavras: *Deus vos ama*. Na outra face estava escrito: *Deus*, no ângulo exterior, e *Cristo*, no fim do papel. Esta última palavra estava escrita de maneira a deixar um vinco na folha dupla.

Uma segunda prova foi feita nas mesmas condições e, ao cabo de um quarto de hora, o papel continha, na face inferior, e em caracteres fortemente traçados em preto, estas palavras inglesas: *God loves you* e, abaixo, *Channing*. No fim do papel estava escrito em francês: *Fé em Deus*. Enfim, no verso da mesma página, havia uma cruz com um sinal semelhante a um caniço, ambos traçados com uma substância vermelha.

Terminada a prova, o Sr. X... exprimiu à Srta. Huet o desejo de, por seu intermédio, como médium escrevente, obter algumas explicações mais desenvolvidas de Channing. Entre ele e o Espírito estabeleceu-se este diálogo:

- Channing, estais presente?
- Eis-me aqui. Estais contente comigo?
- A quem se dirige o que escrevestes, a todos ou a mim particularmente?
- Escrevi esta frase, cujo sentido se dirige a todos os homens. A experiência da

escrita em inglês, no entanto, é para vós, em particular. Quanto à cruz, é o sinal da fé.

— Por que a fizestes em vermelho?

— Para vos pedir que tenhais fé. Eu não podia escrever porque era muito longo, então vos dei um sinal simbólico.

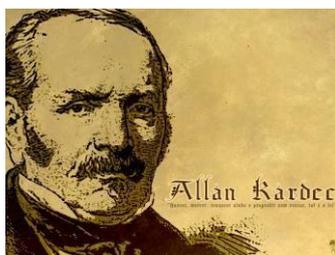
— O vermelho é, pois, a cor simbólica da fé?

— Certamente. É a representação do batismo de sangue.

OBSERVAÇÃO: A Srta. Huet não sabe inglês e o Espírito quis dar, assim, uma prova a mais de que seu pensamento era estranho à manifestação. Ele o fez espontaneamente e plenamente de acordo com a sua vontade, mas é mais do que provável que se lhe houvessem pedido como prova ele não teria atendido. Sabe-se que os Espíritos não gostam de servir de instrumento visando experiências. As provas mais patentes, por vezes, surgem quando menos se espera, e quando os Espíritos agem livremente, às vezes dão mais do que se lhes teria pedido, seja porque desejam mostrar sua independência, seja porque, para a produção de certos fenômenos, seria necessário o concurso de circunstâncias que nem sempre nossa vontade é suficiente para proporcionar. Nunca seria demasiado repetir que os Espíritos têm seu livre-arbítrio e querem provar-nos que não estão submetidos aos nossos caprichos. Por isso, raramente acedem ao desejo da curiosidade.

Os fenômenos, seja qual for a sua natureza, jamais estão à nossa disposição de uma maneira certa, e ninguém poderia garantir a sua obtenção à vontade e num dado momento. Quem quiser observá-los deve resignar-se à espera, e muitas vezes é, de parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador e do fim a que se propõe. *Os Espíritos pouco se preocupam em divertir os curiosos*, e não se ligam de boa vontade senão a gente séria, que dá provas de sua vontade de instruir-se, para tanto fazendo o que é preciso, sem mercadejar seu esforço e seu tempo.

A produção simultânea de sinais em caracteres de cores diferentes é um fato extremamente curioso, mas não é mais sobrenatural do que todos os outros. Podemos dar-nos conta disso lendo o artigo *Pneumatografia ou escrita direta* na *Revista Espírita* de agosto de 1859. Com a explicação, desaparece o maravilhoso, dando lugar a um simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais da Natureza e no que poderia chamar-se a fisiologia dos Espíritos.



## Capítulo XII Pneumatografia ou Escrita Direta

Livro dos Médiuns - Segunda Parte - Capítulo XII

146. A Pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito pela mão do médium.

O fenômeno da escrita é indiscutivelmente um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, é hoje um fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária pra se compreender a possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, mais ainda se torna neste caso, um dos mais chocantes até agora apresentados, mas que deixa de parecer sobrenatural quando compreendemos o princípio em que se funda.

A primeira manifestação desse fenômeno o sentimento dominante foi de desconfiança: a idéia de trapaça ocorreu logo. Porque todos conhecem as tintas chamadas simpáticas, cujos traços invisíveis aparecem algum tempo depois da escrita. Era possível, pois, um abuso da credulidade, e não afirmamos que jamais tenha isso acontecido. Estamos mesmo convencidos de que algumas pessoas, por interesse mercenário, por amor próprio ou para impor a crença nos seus poderes, tenham usado subterfúgios. (Ver o capítulo sobre as Fraudes).

Mas por se poder imitar alguma coisa é absurdo concluir que ela não exista. Não se conseguiu, nos últimos tempos, encontrar o meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? E por ter esse processo habilidoso corrido mundo, devemos concluir que não há sonâmbulos verdadeiros? Porque alguns comerciantes vendem vinho alterado devemos dizer que não existe o vinho puro? Acontece o mesmo com a escrita direta. Entretanto, as precauções para assegurar a realidade de fato são muito simples e fáceis. Graças a elas, hoje não se pode ter a menor dúvida a respeito.(1)

*(1) A tendência das pessoas é sempre de generalizar a fraude, mormente em se tratando de Espiritismo. E isso tanto ocorre entre o povo como nos meios*

*científicos. Nesse ponto, como Kardec acentua em várias ocasiões, os sábios preferem ficar no nível do vulgo. A escrita direta, como a fotografia psíquica e a tiptologia tem sido desprezadas e ridicularizadas por causa de algumas fraudes, como se a fraude não fosse uma constante da espécie humana. Mas de Kardec até hoje as pesquisas sérias sempre confirmam a realidade desses fenômenos. Veja-se o debate sobre psicocinesia na Parapsicologia atual. (N. do T.)*

147. Desde que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos dos Espíritos, que estes sempre existiram e em todos os tempos produziram os diversos fenômenos que conhecemos, devem ter produzido a escrita direta na Antiguidade tão bem como hoje. E é assim que se pode explicar a aparição das três palavras no festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios oculta que as fogueiras abafavam, deve ter conhecido também a escrita direta. Talvez mesmo se pudesse encontrar na teoria das modificações que os Espíritos produzem na matéria, que desenvolvemos no capítulo VIII, o princípio da crença medieval na transmutação dos metais.

Mas qualquer que tenham sido os resultados obtidos nas épocas anteriores, foi somente depois da vulgarização das manifestações espíritas que se tomou a sério o problema da escrita direta. O primeiro que o deu a conhecer em Paris, nos últimos anos, parece que foi o Barão de Guldenstubbé, ao publicar uma obra muito interessante sobre o assunto, com grande número de fascículos de escritas obtidas.(2) O fenômeno já era conhecido na América há algum tempo. A posição social do Sr. de Guldenstubbé, sua independência, a consideração que desfruta no alto mundo afastam incontestavelmente qualquer suspeita voluntária, pois nenhum motivo interesseiro poderia movê-lo. Poder-se-ia admitir a sua própria ilusão, mas a isso responde decisivamente um fato: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas que se cercaram de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça ou motivo de engano.

*(2) La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe, pelo barão de Guldenstubbé, 1 vol. in-8º, com 30 estampas. Preço 8 fr. Casa Frank, rua Richelieu, Paris. Encontra-se também a venda nas Casas Dentu e Ledoyen. (N. do T.)*

148. A escrita direta é obtida, como a maioria das manifestações espíritas não espontâneas, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Muitas vezes foi obtida nas igrejas, sobre os túmulos, junto a estátuas e imagens de personagens evocadas. Mas é evidente que o local só influi por favorecer o recolhimento e a maior concentração mental, pois está provado que é obtida igualmente sem

esses acessórios e nos lugares mais comuns, como sobre um simples móvel caseiro, desde que se esteja nas condições morais exigidas e se disponha da necessária faculdade mediúnica.(3)

*(3) As expressões sobre os túmulos, junto a imagens, sobre móveis decorrem das primeiras experiências feitas pelo Sr. Diddier Filho e outros membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como se pode ver pelos relatos publicados na Revista Espírita. (N. do T.)*

Achava-se a princípio que era necessário colocar um lápis com o papel. O fato, então, poderia ser mais facilmente explicado. Sabe-se que os Espíritos movem e deslocam objetos, que pegam e atiram à distância, podendo assim pegar o lápis e escrever. Desde que o fazem por intermédio da mão dos médiuns ou de uma prancheta, poderiam também fazê-lo de maneira direta. Mas logo se verificou que a presença do lápis era desnecessária, que bastava um simples pedaço de papel, dobrado ou não, para em breves minutos aparecerem às letras. Com isso o fenômeno mudou completamente de aspecto e nos lançou em outra ordem de idéias. As letras são escritas com uma certa substância, e desde que não se forneceu ao Espírito nenhuma substância, ele a teve de produzir, de compô-la por si mesmo. De onde a tirou? Esse o problema.

Reportando-nos às explicações do cap. VIII, nºs 127 e 128, encontraremos a teoria completa desse fenômeno. O Espírito não se serve de substâncias e instrumentos nossos. Ele mesmo os produz, tirando os seus materiais do elemento primitivo universal, que submete, por sua vontade, às modificações necessárias para atingir o efeito desejado. Assim, tanto pode produzir a grafita do lápis vermelho, a tinta de impressão tipográfica ou a tinta comum de escrever, como a do lápis preto e até mesmo caracteres tipográficos suficientemente duros para deixarem no papel o rebaixo da impressão, como tivemos, ocasião de ver. (4)

*(4) Curioso caso de impressão tipográfica direta vem relatado no vol. III da Revista Espírita, tendo o Espírito ordenado à queima do papel assim impresso e a colocação de outro no lugar em que se obtivera o fenômeno. Obedecido, produziu de novo o mesmo efeito e em condições que excluem a menor suposição de fraude. Esses fenômenos são considerados absurdos por aqueles que jamais os obtiveram, mas basta essa condição negativa para invalidar as suas opiniões. A pesquisa espírita e metapsíquica posterior a Kardec têm comprovado os fatos. (N. do T.)*

149. Esse o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, relatado no cap. VII, nº 116, sobre o qual nos estendemos bastante, porque percebemos a

oportunidade de sondar uma das leis mais importantes do Espiritismo, cujo conhecimento pode esclarecer diversos mistérios do mundo invisível. É assim que de um fato aparentemente vulgar pode sair à luz. Basta observar com atenção, e somos o que todos podem fazer, como nós, quando não se limitarem a ver os efeitos sem procurar as causas. Se a nossa fé se firma dia a dia é porque compreendemos; fazei pois compreender, se quiserdes conquistar adeptos sérios. A compreensão das causas tem ainda outro resultado, que é o de estabelecer uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Se considerarmos a escrita direta quanto às vantagens que pode oferecer, diremos que até o presente a sua principal utilidade consiste na constatação material de um fato importante: a intervenção de um poder oculto que encontra nesse processo um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações assim obtidas são raramente de alguma extensão. Em geral são espontâneas e se limitam a palavras, sentenças, freqüentemente sinais ininteligíveis. São obtidas em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda não serviram às conversações contínuas e rápidas que a psicografia ou escrita pela mão do médium permite.

